



## **GÊNERO, ENVELHECIMENTO E AS PAISAGENS DO MEDO**

Sheila Ximenes de Souza<sup>1</sup>

A pesquisa foi apoiada na metodologia da História Oral de Vida na certeza de que as temáticas: gênero, geografia e envelhecimento, mesmo sendo uma intersecção audaciosa, nos proporcionará grandes debates e reflexões.

Através da História Oral de Vida, pudemos entender um pouco mais sobre suas experiências, e compreendemos que as situações vividas no passado, justificam a condição econômica, emocional, intelectual e social do presente.

Para Meihy e Holanda (2007), a História Oral deve obedecer alguns critérios que a tornam sistemática, portanto, científica. Dentre estes, destaca-se etapas essenciais nesse processo: elaboração do projeto; gravação; estabelecimento do documento escrito e sua seriação; sua eventual análise; arquivamento; e devolução social. Dentro desse processo que a torna sistemática, não elaboramos questionários fechados, mas, possibilitamos a liberdade para que as colaboradoras começassem a narrar suas histórias de vida por onde sentissem vontade, possibilitamos que falassem sobre o que quisessem, o que tinha significados em sua trajetória.

A partir das narrativas das três colaboradoras que participaram da pesquisa, nos limitaremos, neste texto, em discutir apenas algumas percepções acerca das relações de gênero e quais as mais recorrentes paisagens do medo na trajetória de suas vidas. O referencial teórico será apoiado nas teorias e conceitos de Simone de Beauvoir, Éclea Bosi, Guita Grin Debert, José Carlos Sebe Bom Meihy, Yi-Fu Tuan e Paul Claval.

### *Gênero e Envelhecimento*

O contexto histórico da mulher é marcado por caminhos de exclusões e exploração, no entanto, em contra partida, podemos dizer que também se trata de uma trajetória de lutas e resistências na busca pela igualdade e cidadania.

Para Sandenberg e Costa, (1994, p. 81) a condição da mulher se manifestou de um modo milenar e universal, sendo configurada como a primeira demonstração de opressão e discriminação na história da humanidade.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Geografia e Relações Sociais de Gênero da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Mestre em Geografia. E-mail: sheilaximenes@hotmail.com.



Segundo Alambert (2004), a pré-história, foi marcada pela hostilidade do ambiente, o que forçava homens e mulheres a praticar a solidariedade para manter a sobrevivência devido as intempéries e aos perigos causados por animais ferozes. Devido a inexistência da propriedade e da família, não havia superioridade cultural.

Leal, (2004, p. 17) cita em sua obra *A maldição da mulher*, que no século XIX, um suíço chamado Johann Jakob Bachofen, defendeu a tese da existência e antecedência do matriarcado na história das sociedades humanas. Sua defesa era centrada na importância dada a maternidade. Dizia que a mãe era sempre identificável, era fonte da consangüinidade, estava ligada a divindade, estabelecendo-se então, nesse período, a ginecocracia ou o período matriarcal.

Com a substituição da enxada primitiva pelo arado, abriu-se o caminho para início do patriarcado, o trabalho do homem tornou-se mais valorizado, seu vigor e sua força, contribuía para a visibilidade de sua importância nas comunidades. Com o declínio da sociedade primitiva, surge o desenvolvimento das técnicas, o uso dos metais, a acumulação, e o surgimento do comércio. Inicia-se, então “... a era dos homens iguais contra as mulheres desiguais”. (ALAMBERT 2004, p. 29).

Diante da invisibilidade social e política vivenciada pelas mulheres no decorrer dos séculos, diante da exclusão, repressão e banimento, diante da violência e da morte de inocentes, podemos identificar que o processo de luta por direitos e deveres foi apenas o primeiro passo para outros avanços, na busca pela real e efetiva liberdade e igualdade de oportunidade para homens e mulheres.

Os estudos realizados sobre as diferenças dos papéis sexuais entre homens e mulheres, mostrou que a biologia já não podia sustentar explicações referente às relações sociais e o comportamento humano, sendo criado então, o conceito de gênero, com o objetivo de distinguir o sexo biológico do sexo social.

O fato das mulheres terem sido excluídas da vida social e política, reforça a necessidade de se fazer visível o seu trabalho, a sua presença no mundo, como ser pensante, político e social. Se a mulher jovem enfrentou e enfrenta dificuldades para “provar” sua intelectualidade e sua capacidade para se viver em harmonia e justiça, o que dizer então, das mulheres velhas? Como o seu trabalho é reconhecido, como a sua presença no mundo é notada? Abordaremos a seguir, breves considerações sobre o envelhecimento.

O envelhecimento causa medo, por trazer a certeza da finitude, do limite, pois é a fase mais próxima da morte. O peso da palavra “envelhecer”, para muitos, causa pavor, pois é uma



experiência ainda não vivenciada: o corpo não consegue mais acompanhar os desejos da mente. O que antes era fácil, simples e corriqueiro, com a decrepitude do corpo, torna-se lentamente difícil e complicado.

A velhice acolhe alguns “mistérios”, frente a uma definição exata de sua essência, de seu conceito. O que podemos identificar claramente é o processo natural que os seres vivos enfrentam ao nascer: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. Este é o ciclo. “morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa”. (BEAUVOIR, 1990).

O tempo é um fenômeno natural que determina o caminho e o destino de homens e mulheres. De forma fluida, se escoá, se esvai, desaparece, contribuindo com o amadurecimento dos indivíduos. (NERI, 1991).

O gerontologista americano Lasing citado por Beauvoir (1990, p. 17) propõe uma definição ampla do conceito de envelhecimento: “Um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado a passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando, invariavelmente na morte.”

Beauvoir (1990, p. 20) afirma que a velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade, em sua forma globalizante, analisando uma multiplicidade de fatores, pois ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural, pois no plano biológico, a “noção de declínio tem um sentido claro”, pois o organismo declina quando suas chances de subsistir se reduzem.

Na obra *A velhice* de Simone de Beauvoir (1990), considerado o mais importante ensaio contemporâneo sobre a condição de vida dos idosos, destaca-se o processo da senilidade, onde a aparência física, é um “cartão de visita”, é o primeiro impacto para que os velhos sejam vistos como sinônimo de fragilidade, improdutividade e dependência. A autora descreve as modificações do corpo, destacando os cabelos e pêlos embranquecidos (no queixo das mulheres velhas, por exemplo, os pelos começam a proliferar). Devido a grande desidratação natural e perda da elasticidade, inevitavelmente, a pele começa a enrugar. Os dentes caem e em decorrência disso, a parte inferior do rosto encolhe de tal maneira que o nariz é alongado verticalmente e os lóbulos das orelhas aumentam. Enquanto os “papos” sobre os olhos incham, as pálpebras superiores engrossam. O lábio superior míngua. No processo de modificação do esqueleto, os discos da coluna vertebral entram em processo de “empilhamento” e o que era ereto, passa a se tornar envergado. Entre a idade de 45 e 85 anos, o busto nos homens diminui uma média de dez centímetros e nas mulheres quinze. A circulação sanguínea cerebral torna-se mais lenta, os órgãos dos sentidos são atingidos, a força



muscular diminui, os nervos motores e os reflexos trabalham com menor velocidade, dentre tantas outras mudanças, o corpo como uma orquestra rítmica, definha vagarosamente.

Entretanto, mesmo com a decrepitude do corpo descrita acima, havia aqueles que enalteciam a velhice, como Homero, que associava à sabedoria e Sólon dizia: “Ao avançar em anos, nunca deixo de aprender”. Mas é no diálogo de Sócrates e Platão que encontramos o verdadeiro interesse pelos problemas dos idosos, Sócrates dizia: “Para indivíduos prudentes e preparados, a velhice não constitui peso algum”, e Platão confirmava: “A velhice faz surgir em nós um imenso sentimento de paz e libertação”.

No entanto, essas concepções variaram muito de acordo com o passar do tempo. Nas sociedades tradicionais, o velho colaborava com a educação dos mais jovens, era referência para os outros e significava simbolicamente a experiência e a autoridade. Após a Revolução Industrial, aconteceu uma grande mudança de valores, onde a sociedade se organizou de modo a valorizar apenas àqueles que de fato produziam.

A condição biológica por ser um processo dinâmico, progressivo, ininterrupto e que naturalmente são definitivas e irreversíveis para homens e mulheres, interfere ainda mais, quando perpassa pelas questões de gênero. A mulher foi oprimida, inferiorizada em relação ao homem durante muitos séculos, esses fatores e comportamentos interferem maciçamente em nossa realidade, onde permanece os casos de submissão, repressão e a fragilidade para tomar suas próprias decisões.

A partir do começo do século XX, quando o envelhecimento passou a ser mais amplamente estudado, foi ficando cada vez mais claro que o processo não poderia ser contextualizado só por fatores orgânicos e fisiológicos, porque, junto às transformações corporais, e interagindo com elas, as pessoas apresentavam mudanças de comportamento, de papéis, de valores, de status, de crenças, de acordo com as diferentes fases e grupos etários a que pertenciam, e também em função de suas escolhas e adaptações individuais ao longo do seu ciclo de vida.

Os avanços da ciência através da medicina e métodos estéticos rápidos e acessíveis, além das condições atuais permitirem maior acesso aos serviços públicos de saúde, direcionando sempre ao caminho de bem estar físico e cognitivo, é considerado também um fator importante para o aumento da faixa etária. Essa tecnologia vem oportunizando os idosos a rejuvenescerem dez ou vinte anos a menos de tempos passados. Através desse avanço científico e tecnológico, Mota (2006), vem caracterizando esse período de “juvenização das idades”.



A partir das narrativas de três colaboradoras, destacaremos na tabela seguir tópicos que achamos interessantes para iniciarmos discussões sobre a percepção das colaboradoras a respeito das relações sociais entre homens e mulheres, bem como, os medos que lhe apavoraram ou apavoram.

<b>Maria</b>	<b>Maria das Flores</b>	<b>Zuma</b>
1 - Responsabilidades domésticas	1 – Responsabilidades domésticas	1 - Responsabilidades domésticas
2 - Maternidade – 10 filhos	2 - Maternidade – 4 filhos	2 - Maternidade – 15 filhos
3 - Representação social e cultural através do poder simbólico	3 - Violência	Violência
4 - Comportamento Submisso	4 - Vinculação do sobrenome do esposo	3 - Traição e sobrevivência
	5 - Traição e Sobrevivência	4 - Medo de procurar ajuda

Por se tratar de uma temática que traz em seu bojo, construções sociais e culturais, encontra-se evidente nos textos das colaboradoras a naturalidade com que aceitam o perceptível: Responsabilidades domésticas, maternidade, obediência e violência. Além desses aspectos, destacamos o imperceptível para elas: que o comportamento padrão ao qual as mulheres são submetidas, correspondem a um intenso aprendizado cultural que é massificado todos os dias, estabelecendo comportamentos de homens e mulheres, criando o que alguns autores chamam de assimetrias de gênero.

D. Maria ao relembrar de seu namoro, noivado e casamento, diz que não vai tirar a aliança de seu dedo enquanto não quebrar: *...depois quando ele me pediu em casamento mesmo, que noivou, colocou a aliança no meu dedo... que ainda hoje está aqui. Não sai mais do meu dedo não! Tá fininha pra quebrar*). Podemos verificar que para D. Maria, a aliança é um símbolo de lealdade e fidelidade, “obrigação” que, as mulheres aprenderam a cumprir. Ao nos referirmos às mulheres idosas, esse rigor é acatado com mais veemência, pois é levado em consideração os ensinamentos que tiveram. Portanto, mesmo estando na condição de viuvez, a atitude de permanecer com a aliança no dedo é uma forma em continuar com a “consciência tranqüila”, numa atitude obediente e saudosista.

Numa visão maniqueísta e discriminadora, as regras são impostas na condição irredutível de pecado e crime: o cumprimento das regras são fatores determinantes para o alcance do céu ou do inferno.



E mesmo variando de uma época para outra, Leis e direitos ao que parece, não vem cumprindo com o papel que se propõe: disseminar e exercer o conceito de igualdade entre cidadãos e que as diferenças do ‘modelo padrão’ não impeçam a concessão de direitos políticos iguais.

Quando o esposo de D. Maria foi pedir permissão para namorá-la, seu pai, expôs os defeitos que considerava importantes, passíveis de motivos suficientes para a desistência do pretendente. Dentre eles, destacou os seguintes:

**...que eu era preta, eu era alegre, era muito danada. “Minha filha é preta, ela brinca com todo mundo, conversa com todo mundo”.**

Para o pai de D. Maria, além do preconceito racial, as mulheres deveriam manter-se recatadas, reprimidas, por isso, o alerta ao futuro namorado. Os defeitos deveriam ser ditos para que não ficasse nenhuma dúvida quanto a personalidade em desalinho da filha.

D. Maria das Flores, falou pouco sobre seus dois relacionamentos amorosos, citou sua relação com o primeiro marido de forma saudosa e aparentemente não guarda nenhum ressentimento pela traição que sofreu. Para ela o importante era não faltar o principal: o alimento para os filhos. Do segundo marido, enfatiza prontamente, dizendo que o mesmo nunca a agrediu, que era um excelente companheiro, no entanto, se contradiz quando demonstra sua condição de esposa sem autonomia para tomar as decisões mais corriqueiras do dia-a-dia, quando diz: *Esse meu marido aí, não deixava eu sair de jeito nenhum. Esse... se eu saísse daqui para a casa da minha filha, já tinha minha filha... quando eu chegava ele estava muito bêbado, querendo...*

Reclama chorosa quando diz que gostaria de utilizar apenas o seu sobrenome de solteira e não o nome do esposo já falecido: *...eu não queria mais o nome do meu marido no meu nome...*, considera a exclusão do sobrenome, um grande desrespeito a sua memória, e mesmo não satisfeita, não acha conveniente e correto, a retirada.

Com D. Zuma não foi diferente, talvez, tenha sido um pouco mais trágico do que as experiências de D. Maria e de D. Maria das Flores. Sofreu intensamente violência física e moral, quase foi degolada pelo primeiro esposo, nos relatando minuciosamente as constantes surras que levava. Como conseqüência, teve o olho direito comprometido devido a uma surra desferida com grande requinte de crueldade e covardia. Além de problemas na visão, sente fortes dores no corpo, do qual, também atribui a violência sofrida.

*...às vezes eu penso assim: “será que essas dores que eu sinto no corpo... quem sabe não foi daquele tempo!”, né? Eu apanhava muito, eu apanhava muito, teve um tempo de chegar a*



***provocar sangue, teve tempo de eu provocar sangue da peia que ele me dava, o maldito! Eu pensava que ia ser tuberculosa, virar aquela coisa de enfraquecimento que dá...***

Ao narrar os episódios de violência, D. Zuma colocava as mãos no rosto na tentativa de esconder um turbilhão de sentimentos que se misturavam. Ódio, mágoa, tristeza e alívio em compartilhar suas histórias, sua vida, suas experiências que transbordavam de seu olhar desesperançoso. O compartilhar sem medo, poder dizer o que sente, extravasar os limites da liberdade que conheceu durante a vida, num sentido oposto ao que foi estabelecido e modelado. A falta de coragem em denunciar os maus tratos, fortalecia ainda mais a hegemonia do poderio masculino sobre sua condição feminina. ***As pessoas não iam acreditar em mim, porque eu era muito nova, porque era menina ainda, era mulher... Então, meu marido dizia que ninguém ia acreditar no que eu falava, e aí o que ia adiantar eu falar, se ninguém ia acreditar em mim... aí o meu consolo, o que era? Chorar! Chorar e pedir a Deus pra que eu saísse daquela vida, porque eu já não tava agüentando mais!***

Tinha medo de denunciar e que seu corpo sofresse as conseqüências, a punição viria através de surras e repreensão, tinha medo de ficar só, porque o seu estado civil (casada) era a sustentação para sua condição biológica ser aceita, para ser útil através da maternidade e das obrigações domésticas.

Michel Foucault traçou uma *História da Sexualidade* (1988), pois compreendeu que a sexualidade era uma invenção social, que o sexo era constituído por muitas facetas que o regulavam, normatizavam, que produziam verdades absolutas. Para o autor, o século XVII foi o marco inicial da repressão, onde denominar o sexo seria algo muito difícil. Nesse período, a sexualidade foi encerrada, reprimida, mudando-se apenas para o quarto dos pais, onde era utilitário e fecundo. Falar em sexualidade nos tempos modernos, ainda traz certos resquícios conservadores da burguesia Vitoriana. Embora a virgindade não seja mais considerada um “pré-requisito” para se alcançar um casamento dentro dos padrões ‘corretos’, o discurso que ouvimos a respeito se sustenta na modernidade porque a “sua história e a sua política o protege”

A esse respeito, D. Maria das Flores traz em seu texto um episódio interessante que evidencia o grau de machismo, discriminação e intolerância na década de 50, quando o assunto alcançava as entranhas da sexualidade.

***Porque no interior é assim: corre boato, quando não é mais moça e..., aí meu pai tirou a orelha da minha irmã. Cortou a orelha dela, porque ele soube que ela não era mais moça... Quando a outra minha irmã que estudava no colégio, soube da história... mandou buscar ela, aí***



***as freiras tomaram de conta. Aí ela virou freira... mas eu acho que foi pra esconder a orelha... mas ela ainda era moça, era uma criança ainda!***

Sobre o episódio ocorrido com a irmã de D. Maria das Flores, Foucault (1988, p. 10) esclarece que “... o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções”. O que não está regulado, normatizado e aprovado para as gerações, merece sanções. O que não conseguimos é calcular os traumas, conflitos e desespero pelo qual essa moça possa ter sofrido com a atitude do pai. Seu corpo foi mutilado porque acreditavam que sua “honra” e a honra da família havia sido manchada.

Outro fator em comum entre D. Maria das Flores e D. Zuma, era a traição conjugal. A reação das duas foi a mesma. O fato de não faltar alimento para elas e para os filhos, era o suficiente para o perdão, pois para elas, isso era um comportamento masculino normal dentro dos padrões de uma sociedade monogâmica. Nessa situação o medo também se fazia presente, diante dos papéis que deveriam seguir na sociedade.

E nesse contexto, vemos que essas mulheres ensinaram aos filhos e netos o que aprenderam, e sem saber, continuam contribuindo de forma sutil e lenta para o fortalecimento das assimetrias de gênero. Se percebem como o segundo sexo, aquele que deve obediência e respeito ao sexo detentor da força, da coragem e da inteligência.

A historiadora Joan Scott, argumenta que é preciso desconstruir “o caráter permanente da oposição binária”, masculino e feminino. Diz que estamos dentro de uma lógica usual que concede homens e mulheres como pólos opostos que se interagem e se relacionam através do sistema dominação-submissão. Louro (1997), cita em sua obra *Gênero e Sexualidade na Educação*, o filósofo Jacques Derrida, que também corrobora com Scott a respeito da desconstrução de oposições binárias. Lembra que o pensamento moderno está imbuído de dicotomias como ciência/ideologia, teoria/prática, presença/ausência, propondo a problematização desses pólos, na busca da desconstrução da polaridade desigual.

### *Bibliografia*

ALAMBERT, Zuleika. *A mulher na história – a história da mulher*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

BEZERRA NETO, José Maia. O asylo lindo e protetor: práticas e representações sociais sobre a educação feminina – Belém (1870-1888). In: ÁLVARES, Maria Luíza Miranda; D’INCAO, Maria



- Ângela (Org.). *A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.
- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003. (coleção primeiros passos).
- BARBOSA, Fabíola Holanda. *Experiência e Memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia*. São Paulo, 2006. 172 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social).
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*: Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 11. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. 2. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BRANCO, Adélia de. Envelhecer na luta: a trabalhadora idosa no Vale do São Francisco. In: Mary Ferreira, Maria Luíza Miranda Álvares, Eunice Ferreira dos Santos (org.). *Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís: EDUFMA/ Núcleo Interdisciplinar.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção d velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-FAPESP, 2004.
- D'INCAO, Maria Ângela. Sobre o amor na fronteira. In: ÁLVARES, Maria Luíza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação*. 14ª Ed. Porto Alegre: Brasul, 2006.
- KRAMER, Heirinch, SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- LEAL, José Carlos. *A maldição da mulher*. São Paulo: DPL, 2004.
- MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (coleção primeiros passos).
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Manual de História Oral*. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.



- NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PISCITELLI, Adriana. Janela para a diversidade. In: PINTO, Graziela Costa (org.) São Paulo: Duetto Editorial, 2008. (*Sexos – a trama da vida: Uma questão de Gênero*; 3)
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989. disponível em [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf), acesso em 27 de janeiro de 2009.
- SAFIOTTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: moderna, 1987.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. (coleção Milton Santos I).
- SANTOS, Nilson. *Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da Fartura, 2002*. 319p. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Humana) USP. São Paulo.
- SARDENBERG, Cecília M.B e COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: *Mulher e Relações de Gênero*. BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L.; (orgs.) São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.
- SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *Revista de História Regional* 8 (1) pag. 31-45 verão, 2003.
- TAVARES, Aderli Góes. *Velhices: saberes tradicionais e inovações no rio Tauá – Dissertação de Mestrado*: Belém, 2000.
- TORRES, Vera Lúcia Scaramuzzini. *Velhice numa cidade do trópico*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- \_\_\_\_\_. Velhice dentro e fora do mundo do trabalho. In: Rosa Carmina Couto, Edna Ramos de Castro Rosa Acevedo Marin (org.). *Saúde, trabalho e meio ambiente: Políticas Públicas na Amazônia*. Belém: NAEA, 2002. p. 221-235.
- TOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VERAS, Renato. *País jovens de cabelos brancos*. Editora UnATI UERJ – Relume-Dumará, 1994.
- YANNOULAS, Sílvia Cristina; VALEJJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. *Feminismo e Academia*. Trad. Suyomara Deslandes Tindera. Ver. Brás. Est. Pedagógicos, Brasília, v. 81, n.º 199, pág 425-451, set/dez 2000.
- WWW. [ibge.gov.br/home/estatística/população/perfilidoso/default.shtm?=#7](http://ibge.gov.br/home/estatística/população/perfilidoso/default.shtm?=#7)